

**A IDENTIDADE FEMININA CONFLITANTE EM O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS.**

**A FEMALE IDENTIFY IN CONFLICT IN O PRIMO BASÍLIO, OF EÇA DE QUEIRÓS.**

**Joane Marieli Pereira Caetano<sup>1</sup>**

**Lívia Lessa Vieira de Souza<sup>2</sup>**

**Renato Marcelo Resgala Junior<sup>3</sup>**

Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ)

**Resumo**

Tendo em vista a conduta da mulher oitocentista, em Portugal, dentro de um impasse entre desejos e punições, este artigo tem como objetivo analisar a identidade conflitante das personagens femininas em Eça de Queirós à luz de teorias feministas, tendo como objeto de estudo a obra *O Primo Basílio* (1878). Posteriormente, a partir da prosa queirosiana, traça-se um paralelo com a ideologia do “ser mulher” no mundo pós-moderno. Esta pesquisa utiliza-se como referencial teórico Bauman (2005), Beauvoir (1980), Butler (2003), Hall (2006), Moisés (2008), Reis (2007) e Saraiva & Lopes (2005). Conclui-se que diante da contradição que subjaz a figuração do feminino, urge a desconstrução das identidades fixas a fim de que se desmitifique a ideia conservadora de identidade.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa; Identidade da mulher; Mulher oitocentista; Mulher contemporânea.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Especialista em Letras pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), graduada em Letras (UNIFSJ). E-mail: joaneiff@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), especialista em Letras (UNIFSJ), graduada em Letras (UNIFSJ). E-mail: livialvsouza@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail:renatoresgalajr@gmail.com.

## **Abstract**

About conduct of nineteenth-century woman in a stalemate between wants and punishments, this article aims to analyze the identity of the female characters in the text of Eça de Queirós, based on feminist theories, with the object of study to work O Primo Basílio (1878). Subsequently, this study makes a parallel with ideology “being a woman” in the postmodern world. This research uses as a theoretical framework Bauman (2005), Beauvoir (1980), Butler (2003), Hall (2006), Moisés (2008), Reis (2007) e Saraiva & Lopes (2005). We conclude that, given the contradictions involved in the female figuration, it is important to deconstruct fixed identities so that it review the conservative idea of identity.

**Keywords:** Portuguese Literature; Woman’s identity; Nineteenth-century woman; Contemporary woman.

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo geral analisar a identidade conflitante das personagens femininas em Eça de Queirós à luz de teorias feministas, tendo como objeto de estudo a obra O Primo Basílio (1878). Especificamente, pretende-se refletir sobre o atraso da sociedade aburguesada lisboeta da metade do século XIX, tendo em vista que se evidenciava um contexto amplamente marcado pelo desenvolvimento científico-tecnológico; assim como, elucidar e discutir temáticas recorrentes da literatura produzida no século XIX, tais como a busca da ascensão social, formação/educação da mulher, o livre arbítrio, realização/frustração dos anseios íntimos, repressão/sanção moral e religiosa ao instinto sexual feminino, dentre outros valores e dogmas enraizados pela tradição cultural lusitana; e, ainda, propor um estudo problematizado sobre o *status* da mulher oitocentista, no que concerne a sua função social em confronto com a moral da época, como também, no que diz respeito à configuração da identidade feminina na produção literária realista.

A prosa queirosiana permite, devido à sua proposta de descrição fidedigna da realidade, uma análise problematizada da condição feminina na sociedade oitocentista lisboeta, visto que revela situações conflituosas da identidade feminina frente ao binômio “vontades e imposições”. Diante deste empasse, urge o questionamento: De que modo a obra O Primo Basílio retrata a mulher oitocentista e sua conduta diante de um espaço conflitante entre deveres e desejos, o qual impõe ao sujeito feminino a fuga de uma derrocada moral?

Dentre as hipóteses, nota-se, nas representações das personagens femininas, a convergência de modos de conduta ora transgressores, como tentativas reacionárias às imposições sociais; ora de submissão, num indício de castração das vontades individuais em prol dos “bons costumes”.

Ao pensar a literatura como uma forma de reprodução da experiência humana, nota-se a presença das questões de gênero, desde os primórdios da produção literária, na Antiguidade Clássica, perpassando a Idade Média e, no globalizado mundo contemporâneo, sendo intensamente discutidas, repensadas e revistas. Torna-se relevante, assim, desenvolver estudos voltados à análise da complexidade das redes de inter-relações sociais que caracterizam e modelam a figura do feminino.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico, recorrendo aos estudos de Bauman (2005), Beauvoir (1980), Butler (2003), Hall (2006), Moisés (2008), Reis (2007), Saraiva & Lopes (2005).

## **1 - Breves contextualizações**

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra literária *O Primo Basílio* de José Maria Eça de Queirós, publicada em 1878 e a sua leitura acerca do comportamento da mulher e seu papel social frente aos seus desejos.

Este capítulo se deterá na apresentação do romance, na sua contextualização. Entretanto, o foco estará voltado para o realismo do escritor português Eça de Queirós e sua contribuição à construção da figura feminina pautada na nova estética realista.

Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, na cidade portuguesa de Póvoa de Varzim. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Neste período, por volta dos anos 1860, engajou-se em movimentos estudantis locais, formando uma nova geração motivada a criticar o academicismo e o tradicionalismo romântico. Os conflitos ideológicos desencadearam na “Questão de Coimbra”, demarcando uma crise cultural introdutória do realismo português.

A proposta realista primava filosoficamente à objetividade, à racionalidade e ao determinismo do meio, do ambiente como aspecto influenciador da conduta e imperativamente determinante de destinos. Desenvolve-se, assim, uma visão mecanicista do ser humano, de modo que o indivíduo passa a ser analisado como máquina, como “engrenagem do mecanismo cósmico, com as mesmas funções e regalias que as demais peças, pertencentes a qualquer dos reinos, vegetal, animal ou mineral” (MOISÉS, 2008, p. 72). No âmbito literário, especificamente em Eça de Queirós, esta ideologia transforma a literatura como arma de

combate, de repressão, de reforma e ação contra as mazelas e contradições sociais. Como representante máximo do realismo português, Eça possui, conforme Reis (2007), um estilo que mistura grande potencialidade estética e capacidade de crítica social. A produção literária queirosiana obteve destaque com os romances *O crime do Padre Amaro* (1875), *Os maias* (1888) e com a obra objeto de estudo deste trabalho, *O Primo Basílio* (1878).

Com o processo de modernização na Europa, vivia-se um período intensamente marcado pela ascensão da burguesia – proveniente da revolução francesa, demonstrando de antemão uma modificação na estrutura social vigente –, assim como pela valorização da liberdade individual e dos direitos igualitários dos cidadãos. Todavia, pairavam ambiguidades e contradições neste contexto. O avanço científico-tecnológico não proporcionava igualmente benefícios à população, contrastando concomitantemente com a miséria, pobreza, analfabetismo, péssimas condições de saúde etc. Nesta contraposição entre o velho e o novo, Portugal marcava-se ainda como um país atrasado e distanciado das novidades do pensamento contemporâneo europeu.

Diante deste panorama contextual contraditório, a partir da obra *O Primo Basílio*, Eça de Queirós objetiva, coerentemente com a proposta do movimento estético realista, analisar criticamente, questionar, ironizar, esmiuçar e diagnosticar mazelas e situações de corrupção e deflagração moral da sociedade lisboeta oitocentista, uma vez que “os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos” (QUEIRÓS, 1871, p.178). Eça traça descrições analíticas da burguesia portuguesa do século XIX. Através de seus personagens facilmente corrompíveis, apresenta implicitamente (e, em certos casos, explicitamente) críticas às instituições sociais e à moral da época.

E é dessa forma que funciona o Realismo, estética literária que se opõe ao Romantismo, vigente até então. De acordo com Massud Moisés (2008, p. 259) “o romance passa a ser, no Realismo, obra de combate, arma de ação transformadora da sociedade burguesa dos fins do século XIX”.

Cabe aqui esclarecer algumas características básicas do movimento Realista. Os realistas eram antes de tudo, antirromânticos, rejeitando a subjetividade das obras literárias e atentando apenas para o objeto de análise, desprezando toda a sentimentalidade e as idealizações românticas, concentrados na única via de acesso à realidade, que é a razão. A racionalidade é a segunda característica básica do Realismo.

A terceira característica básica desse movimento estético-literário é a nova função da arte literária que “passou a ser considerada utensílio, arma de combate, de reforma e ação social. [...] os realistas pregavam uma arte compromissada.” (MOISÉS, 2008, p. 230), representavam

a realidade através do fazer literário voltado para a solução dos problemas sociais. Dessa forma, as obras literárias realistas funcionavam como um espelho em que a sociedade burguesa veria refletida sua imensa decomposição moral.

## **2 - As mulheres de Eça: Conflitos em trânsito, na obra O Primo Basílio**

A mulher carrega o arquétipo de inferioridade frente à figura masculina, marcado pela sanção dos desejos íntimos, repressão moral e religiosa, mantendo-se obediente às funções sociais de esposa e mãe. Mulheres que agiam fora do estabelecido pela sociedade patriarcal, eram severamente punidas e deixadas à margem da sociedade.

Dessa forma, por muitos anos eram negados à mulher direitos como estudo e participação política bem como a possibilidade de escolher um casamento ou a opcionalidade do próprio matrimônio.

Para analisar a condição da mulher no século XIX, com alguns traços percebidos até o presente século, tomamos o romance O Primo Basílio do escritor português Eça de Queirós, publicado com grande sucesso em 1878. Trata-se de um ensaio acerca da vida familiar da pequena burguesia portuguesa do século XIX.

Neste romance, é possível refletir sobre a condição de duas mulheres específicas: Luísa, a protagonista, uma mulher casada que acaba traindo o marido com o primo; e Juliana, a criada obcecada pela ascensão social que chantageia Luísa para conseguir se igualar à senhora.

Sendo assim, será possível estabelecer um panorama da visão da mulher oitocentista e seus reflexos analisados até hoje na mulher contemporânea.

### **2.1 Luísa: a concupiscência**

Desde o início da narrativa, Luísa nos é apresentada como sendo um ser ocioso e fútil:

‘Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: — em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera [...]’ (QUEIRÓS, 2002, p. 6).

É possível perceber como o tédio e a ociosidade estavam presentes na vida de Luísa. Com uma existência improdutiva, inútil e sem realizações, entregava-se à indolência e à leitura de romances, que era sua única ocupação:

‘Era a Dama das camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heróicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao lado pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o moderno que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier; o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoadada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro — Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um cupê quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves’ (QUEIRÓS, 2002, p. 6-7).

Pode-se assinalar a relação de submissão feminina frente às regras sociais que, por sinal, apresentam-se muito codificadas e bem definidas. As atuações sociais femininas já estavam definidas de modo bastante restrito, uma vez que a mente masculina as determinava. Durante a descrição de hábitos rotineiros das personagens – como a leitura –, estas demarcações podem ser identificadas, haja vista que, quanto os modos de leitura, o personagem Jorge, marido de Luísa, fazia leituras informativas, enquanto cabia à sua esposa ler romances, como *Dama das Camélias*, para preencher o vazio de uma rotina tediosa.

De acordo com Moisés (2008, p. 265), o realismo de Eça de Queirós passa a ser uma arma de ataque às instituições vigentes com o intuito de combater a hipocrisia e resgatar a moral e os bons costumes, transformando a sociedade lisboeta do fim do século XIX. Dessa forma, o autor pretendia criticar para corrigir e ensinar.

Um dos pontos criticados pelo autor é a educação da mulher portuguesa do século XIX, que modelava a identidade feminina. Nessa época, as mulheres eram criadas para um único fim: o casamento. Por isso não havia a necessidade de uma educação intelectual, visto que a mulher possuía apenas a função social de esposa e mãe.

Diante desse quadro, é possível observar que Luísa é vítima de uma má educação, uma educação romântica, baseada na leitura de folhetins, impossível de sustentá-la e dirigi-la. Consequência disso, é uma mulher frágil, inerte, passiva e dependente. Em carta a Teófilo Braga, Eça de Queirós, caracteriza Luísa como:

‘[...] a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc.- enfim a burguesinha da Baixa’ (QUEIRÓS, 2002, p. 237).

Assim, entende-se que Luísa é o produto do meio, produto de uma sociedade corrompida, hipócrita e sem perspectivas. É o fruto de uma educação falida, defeituosa que a tornou a sua identidade padronizada aos moldes românticos de futilidade e superficialidade.

Luísa é descrita com personalidade tão frágil que se torna presa fácil para os desvios de conduta da época, tais como o adultério. Conforme o historiador Hobsbawm (2002, p. 178), há diferenças entre o adultério praticado por homens e por mulheres, mas, em ambos os casos, vale-se a condição de manutenção das convenções sociais, isto é, com relação à moral da instituição matrimonial, seus contratos sociais deveriam ser resguardados, na medida em que a imagem do casamento seja corrompida e a sociedade o perceba encaixado harmoniosamente às normas de organização.

‘O adultério, muito provavelmente a mais difundida forma de sexo extraconjugal para mulheres da classe média, pode ou não ter aumentado com o aumento da autoconfiança feminina. Existe grande diferença entre o adultério, como uma forma utópica de sonho de libertação de uma vida conjugal restrita [...] e a liberdade relativa entre maridos e mulheres, da classe média francesa, de terem amantes **desde que mantidas as convenções** [...]. Todavia, o adultério do século XIX, bem como a maioria do sexo então praticado, resiste à quantificação. Tudo o que se pode dizer com alguma certeza é que essa forma de comportamento era mais comum em círculos aristocráticos e círculos de moda, sendo que nas grandes cidades as aparências podiam ser mantidas com maior facilidade’ (HOBBSAWM, 2002, p. 178, grifo nosso).

Outro fator determinante para o adultério é o próprio casamento de Luísa e Jorge, “um casamento no ar” (QUEIRÓS, 2002, p. 8).

A educação feminina da época, além de superficial, frágil e fútil, como já foi falado, preparava as mulheres exclusivamente para o casamento. Ter um bom marido e estabelecer uma família era indispensável na vida de uma mulher.

No caso de Luísa, não foi diferente:

‘Tinha passado três anos quando [Luísa] conheceu Jorge. Ao princípio não lhe agradou. [...] E sem o amar sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada. [...] viu de repente o rosto barbado, com os muito luzidios, cobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! [...] Estava noiva, enfim! Que alegria para a mamã!’ (QUEIRÓS, 2002, p. 8)

Com a leitura do trecho, é possível observar o tamanho da superficialidade e da dependência de Luísa. De acordo com as exigências do código social da época, a mulher precisava se casar para ser bem vista perante a sociedade e essa era uma preocupação frequente para as famílias das moças solteiras. Quando Luísa viu-se noiva de Jorge, pensou no alívio tanto para ela, que finalmente iria casar-se, quanto sua mãe, que poderia descansar tranquila já que sua filha já tinha um homem para que cuidasse dela.

Luísa sentia-se segura, protegida e confortável ao lado de Jorge. Entretanto, não o amava. Este seria um dos fatos que propiciou o adultério. Ao conhecê-lo, ela cria uma fantasia que faz com que ela se entregue e aceite o casamento.

Depreende então que Eça cria uma mulher sem objetivos, sem personalidade, sem vontades, totalmente inerte e sujeita aos seus próprios desejos, incapaz de se controlar, uma vítima de si mesma.

## **2.2 - Juliana: a subserviência**

A descrição da personagem Juliana apresentada na obra *O Primo Basílio* sugere a representação de um segmento social marginalizado, subserviente, inferiorizado: o modelo feminino burguês de criadagem. Esta ideia se intensifica com a caracterização negativa, quase macabra da “tripa velha” (QUEIRÓS, 2002, p. 98):

‘[...] chamou Juliana.

Houve um ruído domingueiro de saias engomadas. Juliana entrou, arranjando nervosamente o colar e o broche. Devia ter quarenta anos e era muitíssimo magra. As feições, miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação, numa curiosidade, raiados de sangue, entre

pálpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuia de retrós imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um tique nas asas do nariz’ (QUEIRÓS, 2002, p. 7).

A personagem Juliana é, na verdade, uma alegoria da condição social feminina no século XIX, pois simboliza uma classe desfavorecida, fadada pelos discursos imperativos deterministas a estar relegada do início ao fim à servidão, sem perspectivas de ascensão na escala social.

Todavia, em Juliana convergem inquietações. Ela não se conforma, tampouco se adequa ao padrão social previamente demarcado para sua classe. Esta criada simboliza, assim, o pensamento emergente na época, isto é, a pequena burguesia inquietada que busca a ascensão e desvinculação do perfil subserviente.

Desta forma, para segurar “o pão da velhice” (QUEIRÓS, 2002, p. 201), Juliana almeja subverter a estrutura hierárquica, estabelecendo um verdadeiro conflito de classes, no qual se embatem a classe dominante, figurada pela patroa Luísa, e a classe desprestigiada socialmente, representada por Juliana. No diálogo entre ambas transcrito abaixo, revela-se a postura de submissão da empregada:

‘Juliana trouxe o rol e a lamparina. Vinha arrastando as chinelas, com um casabeque pelos ombros, encolhida e lúgubre. Aquela figura com um ar de enfermaria irritou Luísa:

— Credo, mulher! Você parece a imagem da morte!

Juliana não respondeu. Pousou a lamparina; apanhou, placa a placa, sobre a cômoda, o dinheiro das compras; e com os olhos baixos:

— A senhora não precisa mais nada, não?

— Vá-se, mulher, vá!’ (QUEIRÓS, 2002, p. 47).

No entanto, incumbida de um oportunismo sem precedentes, a empregada reage contra o determinismo limitador de sua existência. Ela pratica leituras da totalidade, ou seja, aproveita-se de sua função nos tratos domésticos para ler a vida de seus patrões, vasculhando situações que lhe proporcionassem algum proveito posterior:

‘E muito curiosa; era fácil encontrá-la, de repente, cosida por detrás de uma porta com a vassoura a prumo, o olhar aguçado. Qualquer carta que vinha era revirada, cheirada... Remexia sutilmente em todas as gavetas abertas; vasculhava em todos os papéis atirados. Tinha um modo de andar ligeiro e surpreendedor. Examinava as visitas. Andava à busca de um segredo, de um bom segredo! Se lhe caía um nas mãos!’ (QUEIRÓS, 2002, p. 52).

A rotina dos padrões era observada, os símbolos representados em hábitos, feições e atitudes eram decodificados por Juliana. O ambiente era lido tão minuciosamente que nesta leitura da totalidade até mesmo os sons denunciavam o “erro de Luísa”. Derrida (1973, p. 14) em sua obra Gramatologia aponta, valendo-se de estudos hegelianos, novas perspectivas para o conceito de leitura ao sugerir que os sons emitidos pela voz deixam transparecer simbolicamente os estados da alma.

‘Este movimento ideal, pelo qual se diria que se manifesta a simples subjetividade, ressoando a alma do corpo, o ouvido percebe-o da mesma maneira teórica pela qual o olho percebe a cor ou a forma, a interioridade do objeto tornando-se assim a do próprio sujeito. O ouvido, ao contrário, sem voltar-se para os objetos percebe o resultado desse tremor interno do corpo pelo qual se manifesta e se revela, não a figura material, mas uma primeira idealidade vinda da alma.’ (HEGEL apud DERRIDA, 1973, p.14).

Luísa deixava transparecer em atos o seu estado de alma. Através da decodificação simbólica realizada ao “ler Luísa”, Juliana identificava vestígios do adultério da patroa:

‘Desceu discretamente. Juliana voltou logo a encostar-se à porta, a orelha contra a madeira, as mãos atrás das costas; mas a conversação, sem saliência de vozes; tinha um rumor tranqüilo e indistinto. Subiu à cozinha. [...]

— Eu hei de te apanhar, desavergonhada!" — calculava. Afigurou-se-lhe que Luísa tinha os olhos um pouco pisados. Estudava-lhe as posições, os tons de voz.’ (QUEIRÓS, 2002, p. 64)

Com o tempo, a empregada consegue a prova do adultério: as correspondências entre Luísa e Basílio. Numa análise sociológica desta situação, a classe inferior lança todo o conformismo e mostra uma força de reação, na medida em que a criada traça, estrategicamente, planos para inversão dos papéis sociais por intermédio de uma série de vantagens obtidas mediante exigências, torturas e punições impostas à patroa. No nono capítulo, evidencia-se o quanto Luísa sentia-se perturbada pelas chantagens de Juliana ao ponto de ter pesadelos com possíveis flagrantes:

‘Luísa achava-se nos braços de Basílio que a enlaçavam, a queimavam; toda desfalecida, sentia-se perder, fundir-se num elemento quente como o sol e doce como o mel; gozava prodigiosamente; mas, por entre os seus soluços, sentia-se envergonhada, porque Basílio repetia no palco, sem pudor, os delírios libertinos do Paraíso! Como consentia ela? [...] Subitamente, porém, todo o teatro teve um "ah!" de espanto. Fez-se um silêncio ansioso e trágico [...] Ela

voltou-se também como magnetizada, e viu Jorge, Jorge que se adiantava, vestido de luto, de luvas pretas, com um punhal na mão; e a lâmina reluzia — menos que os olhos dele!’ (QUEIRÓS, 2002, p. 213).

Juliana é quem detém o poder na relação e vê aproximar-se, enfim, o seu objetivo de usufruto dos valores burgueses que tanto almejava.

### **3 - A identidade feminina ainda conflitante: a (des)construção das identidades**

A proposta desta seção consiste em realizar um estudo problematizado acerca do *status* da mulher, tendo como ponto de partida a mulher oitocentista. Esta análise tem como base os pressupostos teóricos de Zigmunt Bauman, em seu ensaio “Identidade” (2005), assim como, as teorias de Stuart Hall em sua obra “Identidade Cultural na Pós-modernidade” (2006) e os apontamentos de Judith Butcher em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2005).

#### **3.1 - Em um primeiro olhar: a mulher oitocentista descrita na narrativa queirosiana**

O romance *O Primo Basílio* evidencia uma sociedade enraizada no patriarcalismo, aprisionando as personagens femininas com regras e leis ríspidas no jogo social que não permite a contestação dos valores patriarcais.

Luísa é uma mulher vazia e sem personalidade, extremamente dependente e facilmente influenciável, devido à sua má educação. Pela carência da falta do marido, por não saber se posicionar como uma mulher casada e pelo desejo de viver uma aventura romântica, acaba cometendo o adultério. Com isso, há uma elaboração do retrato da passividade feminina imposta por uma construção deturpada da mulher, representada pela incapacidade da heroína de assumir sua voz, ter a palavra para si e poder falar de si mesma, de suas necessidades. À mulher é reservado o papel de sombra silenciosa ou mero acessório. Saraiva e Lopes (2005, p. 945) afirmam que “devido à subalternidade do seu papel, à sua condição social de quase mero objeto de necessidades, a mulher queirosiana está sempre como vítima”.

A partir do fim de Luísa, sua morte causada pela tortura da culpa e do medo, é possível depreender o quanto a mulher oitocentista estava submetida ao jugo das regras e imposições sociais.

Em se tratando da personagem Juliana, apresenta-se como uma jogadora perspicaz no jogo social, afinal, a empregada almeja ares de senhora, visto que ela não se identifica com a função pré-determinada a ela na dinâmica social. O pensamento sociológico de Émile

Durkheim, em sua obra “Da Divisão do Trabalho Social” (1999), considera a identidade como um objetivo, um propósito. Nesta mesma linha de pensamento, Bauman (2005, p. 16) acrescenta ainda que “As pessoas em busca da identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’”. Juliana quer a alternância de poder na relação social, e lutou exacerbadamente, até a sua morte, para alcançar este objetivo. O fim trágico da personagem pode ser encarado como uma metáfora para a rigidez do poder social dominador e determinante da elite, o qual é implacável para impedir quaisquer tentativas de ascensão da classe marginalizada, em consonância com a visão darwiniana determinista que prevalece do mais hábil na dinâmica social. Metaforicamente, é a celebração do mais forte sobre o mais fraco.

### **3.2 - Em uma visão global: vestígios da mulher oitocentista na contemporaneidade**

A noção da identidade feminina, do “ser mulher” é constituída histórica e socialmente, conforme apontamentos de Simone de Beauvoir em sua obra “Segundo Sexo” (1980). Nesta concepção, a tradição cultural tem enorme peso na construção do perfil feminino. Todavia, na atualidade, nota-se uma transformação da figura feminina: cada vez menos submissa às imposições patriarcais, cada vez mais livre e digna de autonomia do seu corpo e destino. Ainda segundo a autora, esta modificação do *status* da condição da mulher provém da formação de uma consciência autônoma e da liberdade econômica adquiridas por intermédio da profissionalização da mulher, do casamento por escolha, da desmitificação das concepções de santificação feminina e de que para ser mulher, antes de tudo, deve-se ser mãe.

A luta pela emancipação feminina ganhou força com o movimento feminista, “termo que traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado” (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 7). Este movimento social trouxe para o centro da discussão uma série de problemáticas sobre as questões de gênero, no intuito de elevar a mulher ao *status* de cidadã, com igualdade de direitos e uma vivência libertada de normas opressoras.

No jogo social da sociedade lisboeta oitocentista, a mulher estava presa ao claustro doméstico, ou seja, à mulher era destinado o espaço privado, onde ela deveria desempenhar as tarefas de dona de casa, mulher e esposa. A identidade feminina era, assim, homogênea e programável, afinal, cabia a toda mulher seguir estes padrões de conduta fixos para manutenção dos “bons costumes”.

Por outro lado, no mundo pós-moderno, “nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade” (HALL, 2006, p. 10), já que “o sujeito,

previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12). Com relação à figura feminina na contemporaneidade, presencia-se uma identidade feminina conflitante, na medida convergem sobre a mulher vários perfis identitários: (não) ser mãe, (não) ser esposa. Conforme apontamentos de Hall (2006, p. 12),

‘O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente.’

A construção da identidade no mundo pós-moderno está em constante contato e interação, confrontos ou diálogos entre valores, saberes, ideologias e culturas. E, diante da multiplicidade de significações para as tentativas de definição do “eu”, o que se sabe de fato é que uma identidade pré-estabelecida não é verdadeiramente uma condição natural das relações humanas.

Contudo, podem-se encontrar vestígios da mulher do século XIX na atualidade, na medida em que a construção da identidade feminina ainda se submete a discursos identitários compulsórios promovidos pelo poder dominante. De acordo com estudos de Butler (2003), na contemporaneidade, a formação identitária feminina ancora-se em ideologias respaldadas pelo falocentrismo (centralidade do masculino, valorizando a ideia de superioridade masculina) e pela noção de heterossexualidade, pois “a categoria das mulheres só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual” (BUTLER, 2003, p. 23).

Prima-se o binarismo – ou se é homem, com funções masculinas exclusivas ou se é mulher, com funções femininas exclusivas –, o que torna com que o próprio gênero apresente-se como uma norma. Dispensa-se nos dias atuais a diversidade presenciada dentro das fixas categorias de gênero, a qual é um dos fatores essenciais para a formação da identidade do indivíduo, já que “não decorre [...] que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos femininos ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2003, p. 24). Desde a infância a educação familiar conduz às contraposições “coisas de menina e coisas de menino”: “azul e carrinho para meninos”, “rosa e boneca para meninas”.

A exemplificação das questões de gênero tem o propósito de revelar um dos grandes dilemas da construção do “ser mulher” na contemporaneidade, os quais são operados pelas mesmas e arcaicas forças determinadoras de conduta. Contradições à parte, vive-se a era da instabilidade da identidade, em que urge a desconstrução das identidades fixas a fim de que se desmitifique a ideia conservadora de identidade.

### **Considerações Finais**

A partir dos estudos realizados para a elaboração deste artigo, depreende-se que, embora se exalte no mundo pós-moderno uma sensação de plenitude quanto à liberdade de expressão e realização das vontades, ainda convergem sobre a identidade feminina forças discursivas influenciadoras e determinadoras de conduta, as quais desconsideram quaisquer tentativas de fuga ao padrão de perfil feminino.

Se Luísa, em *O Primo Basílio*, seguia parâmetros morais de conduta com medo de represaria, a mulher contemporânea encontra-se contraditoriamente numa situação em que por de trás de movimentos sociais emancipatórios da condição feminina, pairam discursos patriarcais que rechaçam socialmente, através de opressões e preconceito, tudo aquilo que for anormal, isto é, tudo aquilo que abalar a ilusória ideia de estabilidade e previsibilidade do ser humano e do ser mulher.

Eça de Queirós, em 1878, revelou minuciosamente o tratamento ríspido destinado à parcela marginalizada socialmente. A atualidade da abordagem temática deste autor é inquestionável, pois na liquidez do mundo pós-moderno ainda desprestigiamos a classe menos favorecida economicamente, ainda consideramos o gênero uma norma, ainda criamos/seguimos mitos que segregam a sociedade e, infelizmente, ainda castramos a identidade feminina ao impô-la exigências de imobilidade.

Há de se reconhecer devido às transformações sociais que as velhas identidades, fixas e imóveis, as quais estabilizaram o mundo social, estão em declínio, dando lugar ao surgimento de novas identidades visíveis que são diferentes entre si e buscam autonomia no mundo contemporâneo.

### **Bibliografia**

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *Segundo Sexo*. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.

QUEIROZ, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho. *As farpas: chronica mensal da politica das letras e dos costumes - Maio 1871-s. 4, n. 3 (Jun. 1883)*. - Lisboa: Typ. Universal, 1871-1883.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

REIS, Carlos. *O tempo de Eça de Queirós*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2007. p. 11- 13.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História de Literatura Portuguesa*. 15. ed. Porto: Porto Editora, 2005.